COMO ME FIZ PROFESSORA

Arlete Dias
Mestranda em Educação
Professora de Geologia/Universidade de Sorocaba

VASCONCELOS, Geni A. N. (org.). *Como me fiz professora*. Rio de Janeiro: DP & A, 2000, 149 p.

Uma história de vida pretende reconstituir e compreender o passado reflexivamente, ou seja, reconstituir os acontecimentos vivenciados e registrar a experiência adquirida. Pode ser biográfica ou autobiográfica e ser obtida por meio de relato escrito ou oral.
Para Dominicé, todos os fatos mencionados nas (auto)biografias são produtos de interpretação que apenas têm sentido na globalidade do percurso de vida. Elas se apresentam fortemente influenciadas pelo lugar e pelo momento de sua elaboração, isto é, só têm significação dentro do espaço-tempo em que foram vivenciadas.
A (auto)biografia constitui uma proposta metodológica de pesquisa de uma nova concepção de conhecimento a ser produzido. A história de vida dos(as) professores(as) é um instrumento de pesquisa e, ao mesmo tempo, um instrumento pedagógico. Daí a importância do livro *Como me fiz professora*, organizado por Geni A. N. Vasconcelos, que faz parte da coleção "O sentido da escola". É uma coletânea de oito textos de diferentes autoras e autores, constituídos por autobiografias e biografias, muitas vezes entrelaçadas entre si.

Em "Puxando um fio...", Geni Vasconcelos escreve sobre o significado de organizar um livro com essa temática: "Os professores [...] não são só magistério. São pessoas concretas e plurais que se fazem historicamente a partir dos contextos sociais onde vivem seu cotidiano" (p. 12). Tece comentários sobre as possibilidades que se abrem pelo resgate da memória, indo "muito além dos registros efetivados pela história oficial" (p. 12), e acerca dos "saberes gerados no dia-a-dia da prática escolar [...] e as iniciativas realizadas por professores e escolas no desejo de dar novo rumo à história pedagógica" (pp. 13-4).

No texto "Sobre alguns caminhos trilhados... ou mares navegados... Hoje, sou professora", Regina de Fátima de Jesus escreve a respeito dos caminhos percorridos até chegar à opção pelo magistério e sobre a "importância de desmistificar o discurso de 'nascer com o dom', 'ter vocação' [...]. Não foi por opção que me fiz professora, mas, justamente, por falta de opção" (p. 5). Nesse relato, ela entrelaça sua história com a de outras professoras, analisadas com base em autores como Benjamin, Bakhtin/Volochinov, Nóvoa. São histórias de vida com pontos em comum, mas com percursos diferentes: "No entanto, sendo parte, sou una, mesmo que contendo a multiplicidade, trago singularidades em minha história que a torna única" (p. 33). O texto termina com o item: "Como me construí professora?". Regina responde: "Não me fiz professora, me construo professora, cotidianamente, em diferentes instâncias nas quais tenho interagido, nas diferentes interlocuções que tenho feito, nas múltiplas teias de relações que tenho tecido..." (p. 39).

Discute-se muito sobre sociedade e escola excludentes, mas somente o excluído sabe realmente o que é viver essa exclusão. Isto pode ser constatado nos textos "Ser negra, ser mulher, ser nordestina. Afinal, como me fiz professora?", de Maria Zita Ferreira e "Como tenho me tornado professora?", de Margarida dos Santos. Neles, as autoras relatam o caminho trilhado, a coragem e a força de vontade necessárias para vencer os desafios e adversidades a fim de realizarem um grande sonho: ser professora. Em ambos os relatos, o exemplo de luta e o incentivo dados por suas mães foram fundamentais para a concretização de tal objetivo. Acrescente-se a isso a maestria como Margarida mostra "os mecanismos que funcionam como elementos de exclusão, tentando impedir a permanência de alunas pobres nas escolas normais" (p. 65).

Paulo Sgarbi, único professor do grupo de sete professoras, no texto "Os estranhos caminhos de Santiago", faz o contraponto às narrativas femininas. De forma descontraída e espirituosa, relata as principais pessoas e acontecimentos com os quais vem aprendendo a ser professor.

Em "Memória e história de professores: como praticar também é lembrar", Mailsa Carla Passos trata das histórias de leitor de três educadores de Petrópolis, estado do Rio de Janeiro, "discutindo um pouco a questão da memória e sua relação com as práticas e os saberes dos educandos" (p. 99). Esse texto é uma análise e reflexão sobre a memória desses professores-leitores, sob a luz de Certeau, Benjamim e Bergson.

Selva Guimarães Fonseca, em "O prazer de viver e ensinar História", analisa a transcrição das narrativas (história oral) de professores de História com diferentes experiências pessoais e profissionais. Nesses relatos, a autora busca respostas a inquietações como: Por que a opção pela História e pelo ensino? Como alguém se torna professor(a) de História? Há um momento na carreira do professor em que se torna legítimo falar disso como processo finalizado, ponto ultrapassado? Como é ser professor de História no Brasil? Como compreender a experiência pessoal e profissional dos sujeitos que têm como ofício o ensino de História? Segundo Selva Fonseca,

> as narrativas revelam que a vida profissional, de fato, justifica as trajetórias. O desejo de transmitir fatos, experiências, dados sobre os trabalhos realizados é relevante para todos eles. Percebe-se que cada um prefere frisar aspectos muito próprios de sua experiência, aqueles que, talvez, sejam considerados mais significativos na construção de sua maneira de ser professor, e, certamente, aqueles que consideram mais úteis para as outras pessoas. A motivação para o trabalho de rememorar implica reconhecer uma dimensão utilitária do narrado (p. 133).

A análise dos relatos é feita com base em vários autores: Benjamin, Bosi, Chaunu, Esteve, Goodson, Hubernas, Nóvoa, Perrenoud e Rémond.

No texto "De ser professor e ser militante", Lira Maria V. Brasileiro fala da construção do professor-militante, a partir de entrevista feita com três professoras da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, militantes da zona norte do SEPE/RJ. Consoante a autora da transcrição e análise das entrevistas,

> à luz dos objetivos propostos, dois planos foram se evidenciando: o ser professor, no fazer pedagógico do cotidiano da escola, e o ser militante, em sua relação mais direta com o sindicato. No entanto, essas vertentes não se acham estanques. A dimensão ser professor inclui o ser militante pelo trabalho consciente e conscientizador, pela ação local no âmbito da escola; por outro lado, o engajamento do ser militante fez parte da construção de sua identidade profissional. Se apresentam, então, como instâncias inseparáveis, encontro do individual com o coletivo, imbricadas na formação do sujeito (p. 138).

Quanto ao uso do feminino no título do livro, a organizadora esclarece que foi uma decisão política, justificando que a maioria dos artigos é de autoria de mulheres. Os textos, de maneira geral, procuram empregar a questão do gênero.

Apesar de cada história de vida ser uma representação singular "da realidade, que é multidimensional", na leitura desse livro pudemos constatar que ela pode entrelaçar-se com outras histórias em situações específicas, como:

- a presença da mãe incentivando e lutando pelo sucesso das filhas nos estudos;
- a insegurança das professoras iniciantes, que não se sentem preparadas para o trabalho;
- o (difícil) início nas escolas rurais, em que pudemos observar que, dependendo da história pessoal e principalmente da bagagem cultural do(a) professor(a), a realidade pode ser vista sob diferentes perspectivas, não havendo uma que seja mais verdadeira.

Os textos desse livro mostram como o relato oral/memória pode auxiliar no conhecimento de um passado recente, pouco documentado e, no caso da educação, resgatar o ponto de vista, não do sistema de educação, mas do cotidiano da prática docente, produzindo outro tipo de conhecimento, mais próximo das realidades educativas. Daí a (auto)biografia ser importante instrumento pedagógico, do qual podem-se elaborar "novas propostas para a formação de professores e para a profissão docente".